

FOX/DIVULGAÇÃO

Literatura

Projeto idealizado pela socióloga e livreira carioca Luciana Bento lista cem livros protagonizados por meninas negras

A representatividade importa

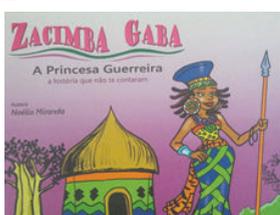
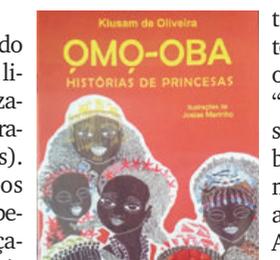
FOTOS: 100 MENINAS NEGRAS/DIVULGAÇÃO

■ **LUCAS BUZATTI**
 "Ele é pretinho igual a mim", disse o pequeno Matias Melquiades, após se deparar com o boneco do personagem Finn, de "Star Wars: O Despertar da Força", numa loja em São Paulo. A imagem do garoto brasileiro com o boneco nas mãos "viralizou" na internet, chegando ao ator britânico John Boyega, que a postou em sua conta do Instagram, com os dizeres "Você é um rei, jovem homem". Finalizando o caso, a mãe de Matias, Jaciana, cravou: "Representatividade construindo pontes. É isso! Matias viu o John Boyega, John Boyega viu o Matias. Que toda criança se veja representada". A frase de Jaciana com certeza já deve ter ecoado muitas vezes na mente da socióloga e livreira carioca Luciana Bento. Ela é a responsável pela página "100 Meninas Negras", que lista cem livros infantis protagonizados por garotas negras.

O projeto, que começou no início de 2016, é uma derivação do blog "A Mãe Preta", administrado por Luciana há cerca de um ano. "No blog, eu falava de maternidade e comecei a dar dicas de livros e desenhos animados com protagonistas negros. Na mesma época, eu e meu marido abrimos uma livraria especializada em questões raciais (InaLivros). E, como temos duas meninas pequenas, começamos a ter mais acesso a esse tipo de material", conta a mãe de Aisha, 3, e Naíma, 2. "Sempre que íamos a eventos nos perguntavam sobre livros com protagonistas negros, diziam que não existia, que não encontravam. Mas, nessa busca, vimos o contrário,

que tem muito material infantil com esse recorte. Então, decidi fazer uma lista, para ajudar mães, pais e escolas a encontrarem esses títulos", completa. Na página, além da sinopse, ela descreve autor, ilustrador, editora e dá o serviço de onde encontrar o livro.

Luciana Bento conta que, quando começou a listagem, já tinha 80 obras em mãos. "São muitos títulos. Na página, peço dicas de livros e, todos os dias, me enviam novas sugestões. É uma lista que vai, facilmente, passar dos cem livros", pontua. "O que me motivou, também, foi desconstruir essa desculpa de que existe pouco material infantil que trabalha a questão racial. Não é falta de material, mas de interesse e de conhecimento. Os professores não estão aprendendo a lidar com esse tipo de questão, não sabem como trabalhar isso. Acabam reproduzindo meia dúzia de atividades que se restringem ao Dia da Consciência Negra, em vez de costurar a questão racial durante todo o ano, de forma contínua e transversal, em todas as disciplinas", critica.



Segundo a idealizadora do "100 Meninas Negras", em todo o Brasil existem autores de livros que dão o protagonismo à criança negra, buscando debater diversas questões que circundam o debate racial. "Tem bastante coisa falando sobre cabelo, que é um tema recorrente para as meninas negras. A valorização do cabelo crespo, como lidar com o preconceito. Livros de princesas também tem vários. Há uma busca muito grande por princesas para além da Disney. Outro que se repete são os livros com garotas pequenas descobrindo e explorando o mundo", afirma Luciana Bento, re-



velando que pretende, ao fim do projeto, fazer um índice de livros por tema. "Os temas giram mais em torno da autoestima, da valorização. O que não tem muito são livros que falam do racismo explicitamente, que abordam o embate racial", diz. Luciana Bento destaca alguns títulos que chamaram sua atenção. "Um que eu gostei muito foi 'A Princesa e a Costureira'. Além de trazer a princesa negra, traz também a questão da união homoafetiva, já que, no fim, a princesa desiste de se casar com o príncipe e se casa com a costureira, que é branca. Uma história que desconstrói vários estereótipos", destaca.

Onde achar

100 Meninas Negras
 100meninasnegras.tumblr.com

A Mãe Preta
 amaepreta.com.br

InaLivros
 inalivros.com.br

Mazza Edições
 www.mazzaedicoes.com.br

"Outro que também faz essa ponta é 'Olívia Tem Dois Pais', que fala de uma garota negra criada por um casal de homens. Tem, ainda, o 'Jacimba Gaba - A Princesa Guerreira', que conta a história de uma princesa africana que veio para o Brasil escravizada e que ajuda a liderar uma revolta dos escravos, mostrando o poder da mulher negra", completa.

Para Luciana Bento, a representatividade é crucial para que a criança negra se enxergue na sociedade como uma pessoa tão capaz quanto qualquer outra. "É fundamental que a criança se veja em posições de destaque, como médica, como engenheira. Temos que tirar o negro dessas posições estereotipadas, do serviço, da empregada doméstica, de personagens hipersexualizados. A criança tem que perceber que ela pode ser o que ela quiser", afirma, ressaltando que há um público sedento por essa desconstrução - vide o crescente aumento de visualizações da página e pedidos de livros (tanto de pessoas físicas como de escolas e bibliotecas querendo compor acervo).

"A educação é fundamental para combater o racismo. Afi-

nal, a criança não nasce racista, ela se torna pelo que vê na sociedade", reflete Luciana Bento. "Se a escola for um espaço que desconstrói o preconceito, que mostra a diversidade e valoriza todas as etnias, aí sim é possível formar cidadãos que saibam conviver com a diferença e não se achem inferiores ou superiores que ninguém", conclui.

Leitura.

Ilustração do livro "A Princesa e a Costureira" (acima), livro destacado por Luciana e Leo (abaixo) no projeto "100 Meninas Negras"



CONTINUA NA PÁGINA 2

CONTINUAÇÃO DA CAPA

Literatura



MAZZA EDIÇÕES/DIVULGAÇÃO

Pioneira. Mineira fundou editora dedicada à questão racial em 81

Mazza: 'Quero morrer lutando pelo meu povo'

■ LUCAS BUZATTI

A InaLivros, livraria liderada por Luciana Bento e por seu marido, Leo, adquire títulos de diversas editoras brasileiras. Uma delas, destacada pela idealizadora do projeto "100 Meninas Negras", é a Mazza Edições, sediada em Belo Horizonte. No mercado há quase 35 anos, a editora sempre dedicou cerca de 80% de seu acervo para a temática etnoracial. Antes de tudo, a empresa é fruto da garra e da persistência de Maria Mazarello Rodrigues, que deixou a cidade natal, Ponte Nova, para perseguir seu sonho na capital mineira. Hoje, a editora se orgulha de já ter publicado mais de 500 títulos voltados para a valorização e a representatividade do povo negro.

Maria Mazarello, a Mazza, defende que as editoras brasileiras só passaram a dar protagonismo ao negro em suas publicações depois da Lei 10.639, de 2003, que tornou obrigatório o ensino de questões raciais e africanidades nas escolas brasileiras, públicas e particulares. "Depois de 2003, todas as grandes editoras abriram um selo negro. Agora, você imagina, de 1981 a 2003, como era. A gente pastava. Eu entrava na escola pelas portas do fundo para tentar vender material", conta a editora, hoje aos 74 anos.

"Isso acontecia, e ainda acontece, porque o Brasil não se reconhece como um país negro. Pior, se diz uma democracia racial, o que nunca foi. Então, fica essa hipocrisia, de que não existe preconceito, de que o negro reclama muito, enquanto a polícia persegue e mata jovens negros todos os dias", reflete Mazza, que diz louvar ações afirmativas como o projeto "100 Meninas Negras". "Todo projeto que trabalha sério no combate ao racismo é importante, porque é uma frente muito necessária", completa a editora.

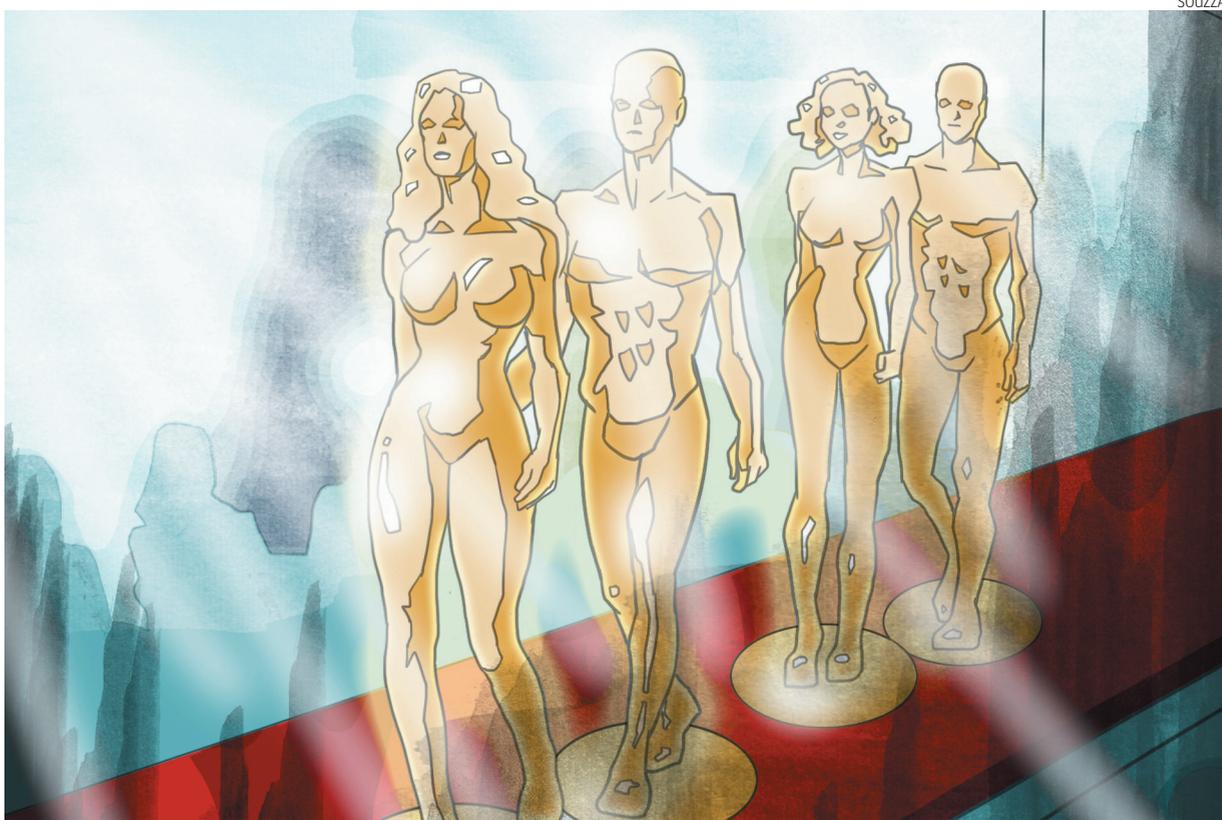
Mazza destaca discursos como o de MC Sofia, rapper mineira de 11 anos que versa contra o racismo em suas le-

tras. "A moçada escuta as músicas dela e fica interessada. Estimula a criança negra, que sofre demais, a gostar de si mesma", afirma. "Hoje, a realidade da criança negra no Brasil ainda é muito sofrida. Muitas não querem nem ir para a escola, porque sabem que o preconceito 'come lascado' e que a escola faz vista grossa. A criança é alvo de piada, fica marcada. E na escola particular ainda é pior, porque o número de crianças negras é bem menor", diz.

Mazza conta que seu objetivo sempre foi lutar contra o racismo por meio de livros que discutem as questões raciais. "Meu sonho é levar esse material para cada vez mais gente, estimulando os autores negros, ou comprometidos com a questão racial, a escrever", sublinha. "Tenho, por exemplo, uma coleção que se chama 'De Lá Pra Cá'. Ela reconta as histórias infantis universais, mas com personagens negros. Fadas, príncipes e princesas, reis e rainhas. O primeiro livrinho é da Rapunzel, que é uma personagem sempre representada como branca. 'Rapunzel, lance suas louras tranças para mim', isso já limita a personagem a ser branca. Aí o príncipe também é branco e por aí vai. Fazemos o contrário. Todos são negros, para que criança se reconheça e trabalhe sua autoestima", afirma.

Para Mazza, o Brasil vive um momento de retrocessos e avanços na questão racial. "Quando você vê gente falando que a Maju (jornalista da Globo) é feia, que o jogador é 'macaco', é porque o sucesso incomoda. É porque ainda querem o negro num lugar de subalterno", reflete. "O que a gente não pode é desanimar. Trabalho desde os 4 anos, já era pra ter dependurado as chuteiras há tempos. Mas aí abro o jornal e vejo: 'Polícia mata cinco jovens negros após confundirlos com bandidos'. Como eu paro? Não tem jeito. Não vou descansar. Quero morrer lutando pelo meu povo, fazendo a minha parte, deixando minha contribuição".

Em tempos de Oscar



SOUZZA

FLÁVIA DENISE

flavia.denise@otempo.com.br

O Oscar é mais relevante do que nunca por se posicionar como um guia do que é bom em um mundo que se deixa consumir pela sua obsessão com o fluxo constante de produções cinematográficas, de preferência pasteurizadas, deixando a sétima arte em segundo plano.



Em 28 de fevereiro, daqui a uma semana, 25 pessoas vão receber o Oscar. Como ocorre todos os anos, a premiação será uma festa fútil, superficial e cheia de uma pompa que deixou de fazer sentido nos primeiros dias da revolução francesa. O prêmio, contudo, é mais relevante do que nunca por se posicionar como um guia do que é bom em um mundo que se deixa consumir por sua obsessão com o fluxo constante de produções cinematográficas, de preferência pasteurizadas, deixando a sétima arte em segundo plano. Mas não se desespere. Ainda há produção de qualidade. Nas últimas quatro semanas, foram publicados neste espaço as análises das adaptações dos longas-metragens "Perdido em Marte", "O Quarto de Jack", "Brooklyn" e "A Grande Aposta", indicados nas categorias de melhor filme e melhor roteiro adaptado (os textos estão disponíveis em www.otempo.com.br). E para não deixar de fora os outros quatro indicados a melhor filme, encerro a "temporada do Oscar" com esses concorrentes, dentre os quais está aquele que certamente será o grande vencedor.

Mais um filme do Tom Hanks. E, para piorar a situação, o longa-metragem é sobre a Guerra Fria. Tanto conflito acontecendo nos dias de hoje, e a indústria cultural ainda querendo render a Guerra Fria? Chega, gente. Quando "Ponte dos Espiões" chegou ao Brasil em outubro, ainda longe do Oscar, fiz questão de perdê-lo quando foi exibido nos cinemas. Acabei assistindo-o no último mês, meio que cumprindo tabela para fechar a lista. Me surpreendi. Não pela atuação de Tom Hanks (que faz um óbvio homem de bem, que vai contra a opinião da sociedade pelo que

acredita ser certo) ou pela história (advogado norte-americano defende espião soviético e acaba criando um laço afetivo com o inimigo). O que atrai é o ritmo do longa (que acredita na capacidade do espectador de acompanhar a trama e o informa sem dar uma aula de história) e a atuação de Mark Rylance (que faz um, ao mesmo tempo, honesto e enigmático espião soviético). Apesar da boa impressão, o filme, indicado em seis categorias, não deve levar nenhuma.

Ritmo acelerado banhado a sangue com uma dose extra de violência e personagens épicos. Com esses ingredientes, não é surpresa que os filmes de ação sejam todos iguais. Sobre pouco espaço para desenvolver narrativa e personagens entre as intermináveis cenas de luta. Então, imagine a surpresa dos fãs do gênero e daqueles que o odeiam pelas razões acima citadas ao se depararem com "Mad Max: Estrada da Fúria". O retorno de George Miller ao universo de seu primeiro filme tem todos os itens da lista acima e ainda conta a história de mulheres que decidem dar um basta ao abuso e, sob a liderança de Furiosa, uma mulher careca de um braço só, derrubam um império. O filme também tem uma montagem impecável, uma trilha sonora capaz de levantar os mortos e efeitos especiais que realmente contribuem para a história (em vez de distrair). Com dez indicações ao Oscar, é difícil dizer se o longa vai levar alguma categoria além das técnicas, mas fica a torcida para que Miller vá para casa com a estátua de melhor direção.

O jornalismo é uma dessas profissões que Hollywood adora romantizar. De alguma forma que os repórteres do mundo real não entendem bem, a suada rotina do trabalho noticioso

acaba se transformando em drama, romance e até aventura, dependendo do filme. Em "Spotlight: Segredos Revelados", a situação não muda. Apesar disso, o filme faz algo que poucos outros focados na produção de notícia conseguem. Ele representa um desejo ardente de quem passa a vida dentro da redação: contar histórias reais que ajudem a melhorar o mundo em que vivemos. Um tema bom, no entanto, não é tudo. Apesar da excelente atuação de Mark Ruffalo, o filme comete um pecado capital em tempos de estímulos excessivos: ele é lento. Sem grandes perspectivas na premiação, "Spotlight" já pode ir para casa feliz só de ter recebido um elogio de Carl Bernstein (repórter cuja história inspirou "Todos os Homens do Presidente").

Há muito tempo já, Leonardo DiCaprio quer levar para casa uma estátua dourada. Embora "O Regresso" seja um longa-metragem muito bem feito, não se engane. Ele não está nos cinemas para contar a incrível história (real) de Hugh Glass. Seu maior objetivo é desencilhar seu protagonista e inseri-lo no seleto clube de atores reconhecidos pela Academia. E vai conseguir. Com nada menos do que 12 indicações, a produção vai levar boa parte delas, incluindo aí melhor filme, melhor ator, possivelmente melhor diretor etc. No entanto, apesar de seus escusos motivos de existir, a película já nasceu clássica. Todo filmado com luz natural em reais montanhas congeladas, o trabalho orquestrado pelo polêmico Alejandro González Iñárritu tem o elenco perfeito (além de DiCaprio, temos Tom Hardy e Domhnall Gleeson). A obra foi feita para o Oscar, e ela vai levar o Oscar. Justo.